



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2020

ESTUDO SOBRE O CONHECIMENTO DO GRADUANDO DE ODONTOLOGIA SOBRE INFECÇÕES VIRAIS DE TRANSMISSÃO DURANTE A PRÁTICA

**Mayana de Jesus Santos¹; Jener Gonçalves de Farias²; Lorena Dourado Souza
Costa³**

1. Bolsista FAPESB/CNPq, Graduanda em Odontologia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: mayanasaantos@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: jenerfarias@gmail.com
3. Participante do projeto, Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: lorenadouradosc@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: doenças profissionais; viroses; estudantes de odontologia.

INTRODUÇÃO

Diante dos procedimentos realizados pelo profissional da odontologia, com o uso de instrumentos perfurocortantes e uma área reduzida de acesso, muitos fatores de risco no ambiente clínico favorecem a exposição a diversos micro-organismos presentes, principalmente, no sangue, na saliva e vias aéreas superiores dos pacientes. Os estudantes possuem um maior risco, visto que além das características da profissão que facilitam a contaminação, a falta de experiência clínica contribui diretamente para a ocorrência de exposições a material potencialmente contaminado (LIMA et al., 2012).

Das diversas doenças sujeitas à transmissão durante o atendimento odontológico, a hepatite B é a que mais preocupa, devido a sua infectividade, formas clínicas desenvolvidas e por ser a doença ocupacional infecciosa mais frequente na equipe odontológica (LIMA et al., 2006). Esse vírus é cerca de 100 vezes mais infectante que o Vírus da Imunodeficiência Adquirida (HIV) e dez vezes mais que o vírus da Hepatite C (SANGIORGIO, 2017). Além das hepatites e do HIV, outras doenças virais podem estar presentes no cotidiano da prática odontológica e devem ser prevenidas. Logo, ter conhecimento da patogênese, transmissão e medidas de proteção é fundamental tanto ao acadêmico de odontologia quanto ao cirurgião-dentista (PILATI, 2017).

A partir disso, destaca-se a importância de avaliar o conhecimento dos acadêmicos em odontologia acerca do tema, visando aprimorar as informações e as medidas de controle e prevenção das infecções virais, contribuindo para produção científica e favorecendo a formação de profissionais mais conscientes e responsáveis, com comportamentos mais seguros que poderá interferir diretamente na epidemiologia dos acidentes ocupacionais.

Este estudo teve como objetivo avaliar o conhecimento do graduando de odontologia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) sobre as doenças virais de transmissão durante o atendimento odontológico.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Trata-se de um estudo observacional do tipo transversal com abordagens descritivas, com 91 estudantes matriculados no curso de odontologia da UEFS no ano de 2019. Os critérios para inclusão na amostra foram cursar entre o terceiro e o décimo semestre e concordar em participar da pesquisa através da assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE).

Os participantes foram abordados após as aulas teóricas, quando foram informados acerca dos objetivos do estudo e convidados a participar da pesquisa. Aos que concordaram em participar, foi solicitada a assinatura do TCLE. A coleta de dados foi realizada mediante a aplicação do formulário que avaliou o conhecimento sobre as doenças infectocontagiosas causadas por vírus através de 17 perguntas abertas. Apenas os responsáveis por esta pesquisa tiveram acesso aos formulários.

Os dados obtidos foram tabulados no Microsoft Excel e submetidos à análise estatística utilizando o programa SPSS v.21, considerando significantes os valores de $p \leq 0,05$. Nas comparações entre os semestres, foi considerado o teste exato de Fischer com aproximação de Monte Carlo. Para as análises das variáveis divididas em duas categorias foi empregado o teste qui-quadrado de Pearson e teste exato de Fischer (sem a aproximação de Monte Carlo). Foi possível usar também o teste de Mantel-Haenszel, que fornece a razão de chance (OR) e o intervalo de confiança (IC).

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Participaram deste estudo 91 estudantes do curso de odontologia, sendo 69 (75,8%) do sexo feminino e 22 (24,2%) do sexo masculino, com média de idade de 22,09 anos (desvio padrão $\pm 2,57$). A amostra foi agrupada em semestres iniciais, que correspondia do 3º ao 6º período, e em semestres avançados, com estudantes do 7º, 9º e 10º período.

Com relação aos vírus que poderiam ser transmitidos durante o atendimento odontológico, verificou-se que os vírus da hepatite B (HBV), C (HCV) e HIV foram citados por uma pequena porcentagem dos estudantes em ambos os grupos (17% nos semestres iniciais e 36% nos semestres avançados). Lages et al. (2015) relataram que o risco de transmissão do HIV é de 0,3%, para o HCV é entre 1% a 10% e para o HBV é de até 40%, ao considerar os acidentes percutâneos. Apesar de que esses vírus terem sido poucos citados pelos participantes desta pesquisa, a maioria, tanto nos semestres iniciais quanto nos avançados (69,7% e 76%, respectivamente), afirmaram que o vírus da hepatite B é o que apresenta maior risco de infecção.

Quando indagados sobre as formas de transmissão dos vírus citados, no grupo dos semestres iniciais, 36,4% dos participantes sabiam da possível transmissão por meio do contato com sangue e saliva contaminada, já nos semestres avançados o percentual foi de 44%. Além disso, um maior número de alunos dos semestres iniciais (53%) citou a biossegurança e a imunização como formas de prevenção, quando comparado com os semestres mais avançados (20%).

Os participantes desta pesquisa apresentaram um baixo conhecimento sobre o anti-HBs como exame para soroconversão da hepatite B, visto que a diferença percentual entre os semestres iniciais e avançados foi bem pequena (33,3% e 28%, respectivamente). Ferreira et al. (2018) relataram que é recomendado pelo Ministério da Saúde, que 30 dias após ter completado o esquema vacinal contra a hepatite B, sejam realizados exames sorológicos (anti-HBs), verificando a soroconversão e confirmando a proteção, fundamental para prevenir a transmissão ocupacional da doença.

No que diz respeito à relação entre o atendimento odontológico a gestantes e crianças e as viroses, como infecção por citomegalovírus, sarampo e rubéola, 95,5% dos participantes dos semestres iniciais não souberam responder a pergunta ou responderam incorretamente, enquanto o percentual foi de 100% nos semestres avançados.

Ao serem questionados se adotariam medidas adicionais de prevenção durante o atendimento de um paciente HIV+, apenas 45,5% dos participantes dos semestres iniciais e 40% nos semestres avançados, sabiam como proceder, não utilizando medidas adicionais.

Quanto à conduta que adotariam ao sofrer um acidente envolvendo perfurocortante contaminado de um paciente HIV+, um baixo percentual dos participantes (37,9% nos semestres iniciais e 20% nos avançados), relatou conduta adequada frente à exposição. Quando esta pergunta foi destrinchada em condutas imediatas e meditas, foi possível observar que as respostas estavam relacionadas ao tratamento imediato após a exposição, visto que os resultados foram bastante semelhantes e apenas 12,1% nos semestres iniciais e 20% dos semestres avançados descreveram corretamente o tratamento mediato.

Apesar de o percentual de acidentes ocupacionais ter sido pequeno, a maior parte ocorreu com estudantes dos semestres mais avançados, onde a maioria dos alunos (12%) tiveram condutas adequadas. Em contrapartida, nos semestres iniciais, um maior número (6,9%) teve conduta inadequada após a exposição.

Segundo Goulart et al. (2018), um dos primeiros sinais clínicos da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) é a candidíase oral, que atinge entre 50 a 95% das pessoas infectadas pelo vírus HIV. Além disso, o Sarcoma de Kaposi ainda é considerado a neoplasia mais prevalente neste grupo (TANCREDI et al., 2017). Dessa forma, tanto os estudantes quanto os cirurgiões-dentistas devem ter conhecimento adequado sobre o vírus e suas manifestações bucais (LOROSA et al., 2019).

Neste estudo, apenas 9,1% dos estudantes nos semestres iniciais citaram a candidíase pseudomembranosa como principal manifestação oral e 18,2% citou o Sarcoma de Kaposi como neoplasia maligna mais associada a esses pacientes. Nos semestres avançados, as respectivas doenças foram citadas somente por 36% e 20% dos participantes.

Em relação aos vírus associados ao linfoma e carcinoma verrucoso, 40,9% dos acadêmicos nos semestres iniciais e 52% nos semestres avançados sabiam responder o questionamento, correlacionando ao menos uma das doenças corretamente. O vírus mais citado pelos acadêmicos foi o HPV, associado ao carcinoma verrucoso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Nesse estudo observou-se que o nível de conhecimento do graduando de odontologia da UEFS, sobre infecções virais que podem ser transmitida durante a prática clínica, foi baixo nos dois grupos de semestres avaliados, embora que em determinadas questões, os semestres avançados tiveram mais chances de acertá-las. Dessa forma, recomenda-se educação continuada acerca desses temas, promovendo palestras, oficinas e minicursos, para que possamos formar cirurgiões-dentistas preparados para o ambiente clínico.

REFERÊNCIAS

- LIMA, L. K. O. L. et al. Acidentes com material biológico entre estudantes de odontologia no estado de Goiás e o papel das instituições de ensino. **Rev Odontol. Bras. Central**, v. 21, n. 58, 2012.
- LIMA, E. M. C. et al. Perfil de imunização dos alunos, professores, e funcionários do curso de odontologia da Universidade Federal do Ceará. **Arquivos em Odontologia**, Belo Horizonte, v.42, n.3, p.161-256, jul./set. 2006.
- SANGIORGIO, J. P. M. et al. Situação vacinal contra hepatite B em estudantes de odontologia. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 9, n. 4, p. 1225-1230, 2017.
- PILATI, S. F. M. Conhecimento de acadêmicos do curso de Odontologia da UNIVALI em relação à hepatite B. **Rev. Bras. Pesq. Saúde**, Vitória, v. 19, n. 2, p. 100-105, abr-jun. 2017.
- LAGES, S. M. R. et al. Formação em Odontologia: O Papel das Instituições de Ensino na Prevenção do Acidente com Exposição a Material Biológico. **Ciencia & Trabajo**, v. 17, n. 54, p. 182-187, set./dez. 2015.
- FERREIRA, L. Q. et al. Hepatite B: conhecimento e atitudes de acadêmicos de Odontologia. **Arch Health Invest**, v. 7, n. 7, p. 258-261, 2018.
- GOULART, L. S. et al. Colonização oral por espécies de *Candida* em pacientes HIV positivo: estudo de associação e suscetibilidade antifúngica. **Einstein**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 1-6, 2018.
- TANCREDI, M. V. et al. Prevalência de sarcoma de Kaposi em pacientes com aids e fatores associados, São Paulo-SP, 2003-2010. **Epidemiol. Serv. Saude**, Brasília, v. 26, n. 2, p. 379-387, abr./jun. 2017.
- LOROSA, A. H. et al. Evaluation of dental students' knowledge and patient care towards HIV/AIDS individuals. **Eur J Dent Educ**, v. 23, p. 212–219, 2019.